

## **“O FOOTBALL NÓS PODEMOS JOGAR”: UMA ANÁLISE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FORA DOS CLUBES DA ELITE DO RIO DE JANEIRO**

Glauco José Costa Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo demonstrar algumas possibilidades que explicam o desenvolvimento do futebol fora dos clubes da elite do Rio de Janeiro no início do século XX. Para esta análise, o esporte bretão será inserido dentro da cultura esportiva que se tornava cada vez mais forte na sociedade carioca desde o final do século XIX. Assim, ao mesmo tempo em que muitas práticas esportivas cresceram, o futebol encontrou seu espaço nesse processo, de modo que, já nos últimos anos da primeira década do século passado, não se pode dizer que, em relação a sua prática, ele seja monopólio de uma ou outra camada social. **Palavras-chave:** Futebol; Rio de Janeiro; Camada social.

**"The football we can play": An analysis of the development of football outside the elite clubs of Rio de Janeiro in the early twentieth century**

**Abstract:** This article aims to demonstrate some possibilities that explain the development of football outside the elite clubs of Rio de Janeiro in the early twentieth century. For this reason, the sport in Britains will be inserted into the sporting culture that was becoming stronger in Rio society since the late nineteenth century. Thus, while many sports practices grew, football found its place in this process, so that, as in recent years of the first decade of the last century, one cannot say that in relation to his practice, he is monopoly one or another social layer.

**Keywords:** Football; Rio de Janeiro; Social layer.

---

<sup>1</sup> Glauco José Costa Souza é graduando de Licenciatura em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Instituto Multidisciplinar (IM) de Nova Iguaçu. E-mail: glauco.josecosta@hotmail.com

## **Introdução**

Enfim, nos anos iniciais do século XX já estavam lançadas as bases e estabelecidos os sentidos básicos do que Nicolau Sevcenko chama de “febre esportiva” (1998); que vinha se desenvolvendo desde meados do século XIX. Naquela primeira década, outras práticas esportivas já estavam em processo de organização: atletismo, natação, polo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, tênis, automobilismo e a prática que mais marcaria a cidade [do Rio de Janeiro] e o país, o futebol. (MELLO, 2010, p.72)

A historiografia sobre o futebol, conforme verificado nas obras de Leonardo Pereira e Hilário Franco Júnior, trabalha o tema focando nas atuações dos agentes da elite e em como estes criaram barreiras para impedir o acesso de indivíduos das camadas baixas a esse jogo. Contudo, sabe-se que o futebol é o esporte mais popular do país, logo, tal afirmação não poderia ser feita se o mesmo não estivesse há tempos na preferência das principais classes sociais que compõem o Brasil.

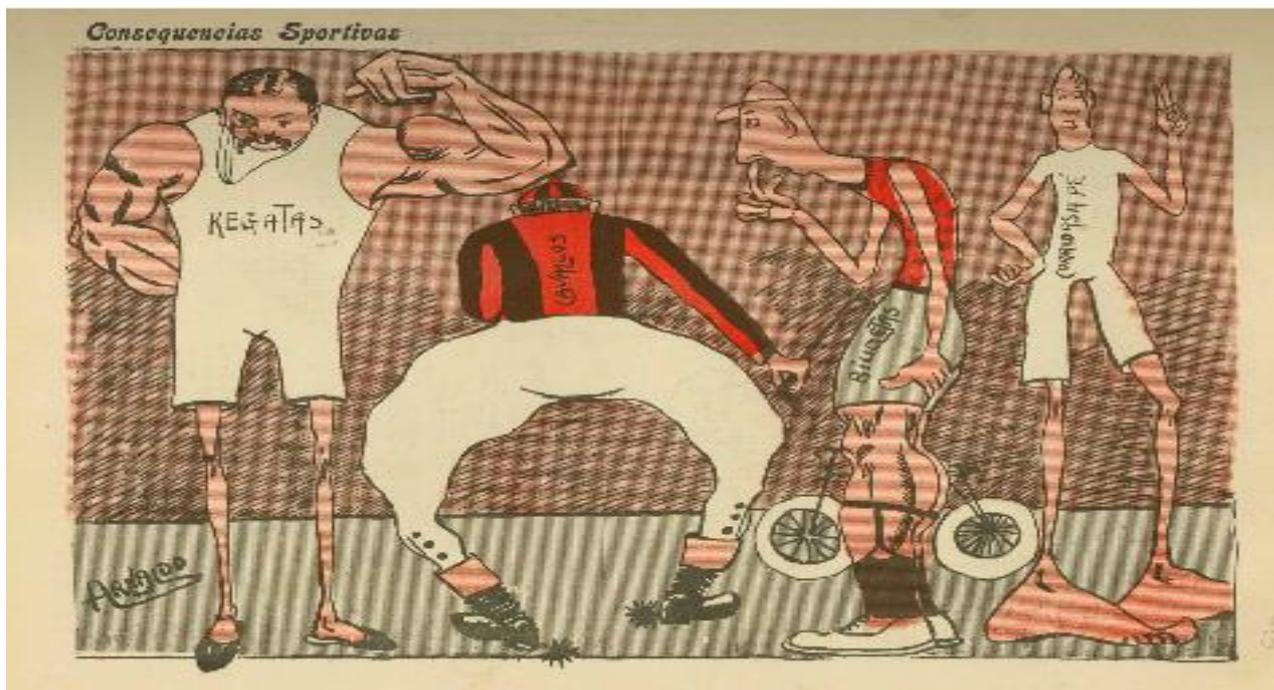
Uma vez que o futebol tenha sido monopólio da elite, como explicar a sua popularização entre indivíduos não elitizados já no início do século XX? Será que ninguém mais além dos chamados “sportmen” jogava bola naquele período? O que frequentemente é esquecido se refere às maneiras como os agentes sociais das camadas baixas praticavam este esporte. Este trabalho almeja discutir esse ponto e também as razões que levaram o futebol a cair no gosto popular.

O futebol chegou ao Brasil como parte de uma cultura proletária inglesa que foi abraçada tanto pelas elites quanto pelas classes baixas, mas de formas distintas e de acordo com as necessidades e possibilidades de cada grupo. A existência da Liga de Futebol no Rio de Janeiro, em 1906, e das Ligas Alternativas, em 1907, são exemplos disso.

## **O esporte no Rio de Janeiro**

A virada do século XIX para o XX não foi apenas uma modificação cronológica, assim como as Reformas de Pereira Passos não só modificaram o aspecto estético do Rio de Janeiro. Ambos os processos trouxeram transformações sociais e culturais que culminaram, dentre outros efeitos, no tratamento de práticas de lazer em esporte.

A política higienista desenvolvida por Pereira Passos modificou a percepção estética do corpo humano brasileiro e a valorização do que seria útil para a manutenção da boa saúde. Se antes o homem magro e pálido era a aparência do brasileiro imperial, com o regime republicano as suas feições deveriam se tornar mais robustas, razão pela qual a prática de exercícios físicos foi valorizada. Essa mudança de opinião não se deu da noite para o dia, conforme a charge abaixo comprova, mas foi abraçada pelas políticas públicas do nosso Haussman tropical.



Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=67&ano=1903>  
Acessado em 07/03/2014, às 13h14min.

A imagem, tratando do remo, do turf, do ciclismo e do pedestrianismo, reafirma a proliferação das associações esportivas na cidade; a ironia sobre os supostos benefícios que eles trariam ao corpo aparece, no entanto, de forma evidente: longe de gerar indivíduos mais robustos e saudáveis, os esportes simplesmente contribuiriam para sua deformação (PEREIRA, 2000, p.48).

Dentro desse cenário turbulento em que para alguns a boa saúde estava ligada às práticas esportistas, a elite do Rio de Janeiro abraçou os esportes aquáticos em detrimento dos esportes a cavalo, tão característicos do período imperial.

O turfe foi o esporte popular no Rio de Janeiro durante o reinado de D. Pedro II. Não era à toa, já que o principal meio de deslocamento da época era feito a cavalo. Contudo, com a proximidade do século XX e o desenvolvimento dos bondes elétricos nas cidades, a realidade de transportes equestres começou a ser ultrapassada.

Devemos também compreender o desenvolvimento do remo, em relação ao turfe, já bastante organizado e popular desde os anos 1880, no contexto de mudanças no próprio âmbito das camadas dominantes. O remo carrega em seu interior características mais próximas às valorizadas por uma camada/cultura burguesa em formação, se comparadas com o eminente caráter aristocrático do turfe.

Se a popularização do turfe já significou um avanço na estrutura social carioca, o remo incorpora perfeitamente a modernidade da virada do século. O moderno tinha relação com o indivíduo desafiador, audaz, conquistador, vencedor. Não se

tratava mais de colocar cavalos para correr, mas sim de participar mais ativamente, demonstrando no próprio corpo saudável e forte os sinais de um novo país; de incorporar efetivamente um novo estilo de vida adequado à velocidade dos novos tempos.

O remo é o esporte do “exercício physico”, termo-chave sempre usado pelos que defendiam e propagavam os benefícios dessa prática. É o esporte da saúde, do desafio – contra o outro e contra o mar - que educa o músculo e a moral. É a prática adequada a uma juventude ativa, forte e com “liberdade de espírito” suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário. (MELLO, 2006, p. 8-9).

É, por questões geográficas, que a Zona Sul do Rio de Janeiro recebe esse novo esporte; e, por questões socioeconômicas, que os indivíduos de maior poder aquisitivo são seus primeiros adeptos.

A virada do século XIX para o XX também trouxe a ampliação dos clubes sociais, onde grupos se reuniam devido às relações de afinidade. No caso em questão, esta relação também está ligada às diversas percepções de identidade existentes e que se refletiram na fundação de associações e dos próprios clubes. Na verdade, grupos de indivíduos com traços de identidade comum que se juntam para a defesa de alguns interesses ocorrem desde o período colonial. O historiador Claudio Batalha, por sua vez, dá grande ênfase às sociedades de socorro mútuo, que, segundo ele, após 1824 “tinham por objetivo algo mais do que o socorros dos seus associados que servia de justificativa para sua existência; seu objetivo era a defesa profissional” (BATALHA, 1999, p.53). Além desse tipo, eram comuns associações pelos mais variados motivos, como a origem nacional. Isso pode ser notado também na formação de clubes esportivos ao longo do século XIX.

Em 1875, por exemplo, 14 anos antes de o fim da Monarquia e 27 antes da chegada de Pereira Passos à prefeitura da Capital Federal, já era possível identificar a existência de práticas esportivas promovidas por esses clubes. O jornal *Gazeta de Notícias*, inaugurado naquele ano, trouxe em sua 18ª edição no dia 19 de agosto de 1875 o anúncio de uma “Regata na Enseada de Botafogo” a ser realizada no dia 29 daquele ano.

Em anúncio posterior, na 27ª edição publicada no dia 27 de agosto de 1875, é dada a informação de que os “bilhetes de archibancada para as Exmas. famílias dos sócios, vendem-se na rua do Ouvidor n.72, assim como o de archibancada geral”. Não obstante, isso não significa que os sócios, que já pagavam mensalidade, também deveriam comprar ingressos para o evento. Para eles, bastava se dirigir à secretária do clube e retirar seus cartões.

A existência desse tipo de agremiação no século XIX só corrobora a ideia de que grupos que se identificavam costumavam se reunir para compartilhar ideias semelhantes. No caso do Club de Regatas Guanabareense, que fora fundado em 1874, percebemos a identificação de indivíduos com as atividades náuticas, mais especificamente o remo.

O remo só se tornou a principal atividade do Rio de Janeiro na transição século XIX para o XX, mas o surgimento de clubes para a sua prática data

desde 1862, quando o “grupo Regata e o British Rowing Club, este último de formação eminentemente inglesa” (MELLO, 2001, p.52) já davam os primeiros passos. Antes, o esporte que atraía multidões na Capital Federal era o turfe.

No dia em que se comemorava 53 anos da proclamação da Independência do Brasil, o jornal Gazeta de Notícias divulgou um anúncio sobre grandes corridas a serem realizadas no dia 8 de setembro de 1875 (domingo). Assim como para as regatas, os clubes turfe também disponibilizavam ingressos para suas competições a um público que ia além de seus associados, pois cabia a uma dessas entidades organizar o evento e estendê-lo a todos aqueles que se julgassem aptos. Entretanto, o esporte a cavalo tinha como vantagem a presença ilustre de suas Majestades, o que denota apoio do Estado a essa prática predominantemente associada à aristocracia imperial.

Durante a década de 1870, o transporte na Capital ainda era predominantemente feito a base de tração animal, pois o primeiro bonde elétrico na cidade só foi inaugurado em 1892. Neste sentido, homens, cavalos, bois e burros circulavam pelas principais ruas realizando o traslado de pessoas e mercadorias.

Era natural, portanto, que o esporte desenvolvido nesse período envolvesse elementos do cotidiano. O cavalo, por todo o glamour e utilidade que possuía, saiu na frente e, nos moldes do que ocorria na Europa, foi desenvolvido o turfe no Rio de Janeiro.

Voltando ao anúncio da Gazeta de Notícias, grandes corridas ocorreram no dia 08 de setembro de 1875 no Prado Fluminense, uma extensa área entre São Francisco Xavier e Benfica. “O dia tinha aparecido com cara de poucos amigos, sem chover nem fazer sol”, mas, como de costume, esperava-se no Prado a reunião do “que ha de mais distincto e até o que há de mais indistincto” (Gazeta de Notícias, em 09/09/18975) da sociedade. O fato de o Gazeta explicitar essa diferenciação entre os indivíduos nos leva a pensar que a prática do turfe, se ante a dificuldade de aquisição e manutenção de um cavalo de raça que fosse competitivo era exclusiva dos homens de maior poder aquisitivo, a “assistência” das corridas podia comportar, já no século XIX, a presença de indivíduos não elitizados.

O relato do jornal sobre o evento em si aponta que “as corridas estiveram pouco animadas. Faltava-lhes o que quer que seja, um certo burburinho” que só foi notado “quando chegaram Suas Magestades Imperiaes” (Gazeta de Notícias, em 09/09/18975). A presença tão ilustre fez com que as apostas se movimentassem e trouxessem mais emoção às disputas.

A presença do Estado às práticas esportivas é um claro sinal do apreço e incentivo que tem nelas. O fato de o Imperador D. Pedro II comparecer as corridas de cavalo ajuda a popularizar esse esporte na sociedade brasileira imperial. Com a mudança de regime político e as modificações que a sociedade brasileira foi passando, o foco de apoio esportivo também mudou. As reformas urbanísticas capitaneadas por Pereira Passos traziam consigo a necessidade de adequar a cidade do Rio de Janeiro aos novos meios de transporte que ali estavam sendo implantados, ao mesmo tempo que o cavalo estava perdendo sua utilidade como o principal provedor dos traslados e substituído por outros

veículos, dentre os quais se destacam o bonde elétrico. Assim, o apoio estatal passou a ser direcionado para outras atividades esportivas que valorizassem o homem em sua plenitude.

A valorização do mar, enquanto ponto essencial para uma boa saúde, revitalizou a importância dada às provas de regatas. Vimos acima que no terceiro quartel do século XIX elas já existiam e atraíam bom público, pois os bilhetes de arquibancada eram comercializados. Nesse período, porém, sua Majestade Imperial assistia pessoalmente as corridas de turfe, principal esporte da época. No século XX, a maior autoridade da cidade do Rio de Janeiro também marcaria presença no esporte, mas seria assistindo às regatas que Francisco Pereira Passos, prefeito do município, ajudaria a popularizá-las.

Na 173ª edição de a Gazeta de Notícias, no dia 22 de junho de 1903, consta a informação de que o digníssimo chefe do poder executivo municipal visitara o “Pavilhão da Federação Brasileira das Sociedades do Remo” durante “a festa realizada hontem [21 de setembro de 1903, domingo], na enseada de Botafogo, pelo Club de Regatas Guanabara”. O motivo da visita, segundo o jornal, foi avaliar a:

“conveniência de concertar o cães da praia de Botafogo, e da construção de uma ponte. Mas a promessa que mais deve encher de alegria o coração dos rowers, foi esta: a criação de um premio concedido ao club vencedor do campeonato” (Gazeta de Notícias, 22/06/1903).

A razão que levava o prefeito a realizar obras para o desenvolvimento das regatas pode ser entendida dentro do contexto de modernização da cidade do Rio de Janeiro que ele estava liderando:

Em uma cidade em pleno processo de reforma e saneamento incluir-se-iam a construção de instalações para remo nos projetos de intervenção urbana. Se a construção da Avenida Beira-Mar era uma de suas prioridades, nada como celebrar tal avenida simbólica com um divertimento moderno e civilizado como o remo. (MELLO, 2006, p.13)

## **Os sportsmen do Rio de Janeiro**

A transição do século XIX para o século XX permitiu a ascensão do remo em detrimento do turfe como o esporte mais famoso do Rio de Janeiro. Em ambas as atividades, porém, a primazia de sua prática cabia aos mais abastados economicamente.

O equitação, por exemplo, foi uma prática muito valorizada durante o período imperial, com direito até a presença de Sua Majestade às corridas. Além de sua utilidade diária, o cavalo era para aquela sociedade o principal meio de se exercitar. Não obstante, isso não significa que os exercícios equestres fossem uma obsessão, logo, sua prática como esporte também o era moderada. As corridas de cavalo eram realizadas aos domingos para não interromper o bom andamento dos negócios durante a semana. A alta sociedade praticava montaria com parcimônia, já que no último quarto do século XIX a utilidade da “gymnastica” ainda era discutida.

A equitação é um exercício extremamente salutar e benéfico, usado com moderação, porem, se um individuo, por paixão, se fizer centauro e passar a maior parte do tempo a cavallo, arriscar-se-ha muito a ter uma velhice prematura e a soffrer muitos outros incommodos. Não são indifferentes para os exercícos da equitação as horas do dia nem tampouco a maneira de conduzir o cavallo: pôde-se passear a passo depois da comida, mas poderia ser prejudicial andar a trote ou a galope nesta ocasião, conquanto o galope e o meio galope causem menos abalo ao corpo, o sejam mais higiênicos que o trote, e constituam um excellente exercicio para quando se não tem o estomago cheio. Os passeios a Cavallo podem ajudar a convalescença, em muitos casos de febres graves e molestias prolongadas de que tenha resultado o enfraquecimento do organismo. A equitação offerece, nestes casos, vantagens evidentes, pois alem de não fatigar as pernas não acelera a circulação nem torna o pulso frequente, como acontece nos exercícos de passeio a pé, da corrida, da dança e da esgrima. Em conclusão: é util dar habitualmente um pequeno passeio a cavallo de vez em quando, mas nunca fazer de jockey ou estafete. (Diário de Notícias, 09/09/1870, Edição 53).

O Imperador parece compartilhar da ideia exposta no Diário de Notícias, pois era frequente vê-lo passear “a cavallo pela praia de Botafogo, Larangeiras etc” (Diário de Notícias, em 23/08/1870). Durante esses passeios, ele recebia cumprimentos das pessoas que por ele passavam, assim como também era ovacionado quando assistia as corridas no Prado Fluminense. Seja de uma ou de outra maneira, a equitação era uma atividade majoritariamente nobre no Rio de Janeiro do século XIX.

O custo de aquisição e de manutenção de um cavalo era alto, ao ponto de um indivíduo com “um bichino destes custando 84 contos de réis deve ser tratado como um príncipe poderoso” (Diário de Notícias, em 22/12/1870). Não obstante, ainda que as outras classes sociais cariocas estivessem afastadas da prática do jockey nas tradicionais corridas de domingo, eles ali estavam presentes imitando a elite ao assisti-las: afinal de contas, o que havia de mais distinto e indistinto na sociedade imperial apreciavam as corridas distinguidos pelas arquibancados de sócios e gerais.

Nas regatas essa realidade não mudara muito. Se até a transição dos anos 1880/1890 existia a possibilidade de membros das camadas populares participarem das competições como remadores, isso não durou por muito tempo e, como o crescimento do esporte passou-se a exigir que os remadores fossem associados aos clubes, houve a exclusão das camadas populares.

Durante a década de 1870, já se pode observar a ocorrência de regatas na enseada de Botafogo. O mesmo jornal Gazeta de Notícias publicado em 19 de agosto de 1875, por exemplo, trazia o anúncio de que estavam abertas as “inscrição para todas as embarcações a remo, tripoladas por amadores ou profissionaes que queiram tomar parte na corrida” a ser realizada no dia 29 de agosto (domingo), às 3 horas da tarde, em Botafogo. O evento, organizado pelo Club de Regatas Guanabareense, teve que ser realiado no dia 5 de

setembro de 1875, pois na data original ocorreu uma forte chuva, “com a qual não é muito agradável tomar parte assistir a divertimentos dessa espécie” (Gazeta de Notícias, em 29/08/1875). As competições de remo, nessa época, ainda se mostravam abaixo do turfe, como fica claro pela aceitação tanto da participação de amadores quanto de profissionais, demonstrando não haver segurança quanto ao número de praticantes desse esporte.

Duas décadas depois, porém, o remo teve grande crescimento na preferência dos cariocas, estimulado pelas mudanças que aconteciam na cidade. Contudo, se faz mister destacar a importante atuação do Estado Brasileiro nessa valorização.

No 1º aniversário da proclamação da República (1890), ficou a “comissão de intendência municipal encarregada de organizar e dirigir os festejos do dia 15 de novembro” (Gazetas de Notícias, em 30/10/1890). Dentre as muitas atividades programadas para essa data festiva estavam as regatas, corridas a pé (atletismo) e a velocípedes (ciclismo). As regatas seriam disputadas apenas por meninos de 8 a 12 anos de idade, sendo os botes fornecidos pela comissão, haja vista o fato de alguém possuí-lo não ser tão comum. Em um período de consolidação de um novo regime político, medidas como essas eram um importante instrumento para sedimentar uma nova ideologia, mais próxima aos valores burgueses e positivistas da época.

Outro exemplo do uso do remo para a consolidação dos novos ideais e de valorização das forças militares até então no governo foram os festejos de 13 de junho de 1891, em comemoração “a grande data que recorda um dos mais gloriosos feitos da nossa marinha de guerra – a célebre batalha do Riachuelo” (Gazeta de Notícias, em 13/06/1891). Na oportunidade, uma grande festa foi protagonizada pelos aspirantes da Escola Naval que realizaram uma disputada corrida de regatas, a qual assistiram “grande numero de senhores e cavalheiros, os Srs. presidente da republica, ministros da agricultura e da marinha, ajudante general da armada e muitos officiaes de todos os postos da marinha” (Gazeta de Notícias, em 13/06/1891).

Não obstante, ainda no início da década de 1890 o simples apoio estatal, apesar de importante, não conseguira dar ao remo a popularidade que teria ao final desse decênio. Um fato comprobatório de tal ideia é a prorrogação da data de inscrição para uma corrida em homenagem ao cruzador Almirante Barroso. A regata, estava marcada para o dia 8 de setembro daquele ano, mas a sua inscrição, que terminaria no dia 25 de agosto, foi transferida para o dia 27, em razão de a “inscripção para os diversos pareos não tendo sido completa” (Gazeta de Notícias, em 25/08/1890).

Contudo, quando foi realizada, a regata foi um grande sucesso. “A esplendida enseada de Botafogo apresentava o mais lindo aspecto, em consequência dos inúmeros escolares e lanchas a vapor que singravam as ricas águas” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890). Não bastassem os artistas do espetáculo, estavam presentes também ao evento o “Sr. Generalíssimo chefe do governo provisório, sua família, seu secretario [d]e estado-maior” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890), alguns ministros do Peru e o almirante Wandekolt, que, juntamente ao “grande numero de senhoras e cavalheiros

e em toda extensão do caes agglomera-se enorme massa do povo” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890) compunham o público do digníssimo evento.

As regatas não tinham apenas um significado político ou de lazer para a elite carioca. Elas eram também importante instrumento de ajuda mútua àqueles que faziam do mar sua profissão, pois como associação, os clubes que as organizavam eram compostos por indivíduos com interesses semelhantes - no caso dos clubes de regatas, esse interesse era o desejo de praticar e cultivar esse esporte.

O Club dos Nautas, instituição náutica criada em 1884, pelo capitão de fragata Luiz Philippe de Saldanha da Gama, traz em sua história um claro exemplo de ajuda a marinheiros em dificuldades. Segundo relato do jornal Gazeta de Notícias, logo após o trágico acidente do navio Solimões em maio de 1892, o distinto clube se dispôs a organizar “uma subscrição pública em pró das famílias dos naufragos – que a camara dos deputados, alias, em moção recomendou aos cuidados do poder executivo – e ella atingiu em pouco tempo uma importante somma” (Gazeta de Notícias, em 04/01/1893).

A preocupação com os dependentes dos marinheiros não parou por aí, estando refletido também na regata organizada para o dia 31 de julho de 1892, em que se fez um “valioso concurso do Grupo de Regatas do Club Guanabareense, em beneficio das famílias das vitimas do naufrágio do monitor Solimões” (Gazeta de Notícias, em 23/07/1892). O evento atraiu grande público, ao ponto de a Companhia F. C. Jardim Botânico ter destinado “carros extraordinários”, entre o Largo do Machado e a praia de Botafogo, para atender a essa demanda.

A Capital Federal e o remo cresciam a olhos vistos. Se para a regata em homenagem aos familiares das vítimas do naufrágio de Solimões o preço da arquibancada foi de 2 mil de réis, em 1897, um ano antes de iniciar o primeiro campeonato de remo oficialmente reconhecido, esse valor já havia inflado em 50% e era estimado em 3 mil de réis. O valor, apesar de elevado, era esporadicamente acessível aos trabalhadores.

Na última década do século XIX, época em que o remo iniciou sua hegemonia sobre o turfe, um trabalhador comum, empregado na Companhia Jardim Botânico, por exemplo, recebia algo em torno de 75\$000, enquanto que um estafeta (entregador de cartas) ganhava em torno de 60\$000. As remunerações desses trabalhadores eram baixas, sobretudo em um período inflacionário como aquele de pós-Encilhamento, mas o preço do bilhete para assistir uma regata era apenas de 2,5% a 5% do que recebiam, logo, não lhes era de todo inacessível, como comprova os relatos de que “em toda extensão do caes agglomera-se enorme massa do povo” (Gazeta de Notícias, em 09/09/1890). Afinal de contas, o homem precisava comer e se divertir.

No dia 05 de junho de 1898 foi realizada na enseada de Botafogo “grande regata”. O Campeonato que ali foi feito despertou a atenção de importante parcela da população carioca que apreciava esse esporte e cuja “animação crescia á proporção que se aproximava o momento de começar o grande certamen” (Gazeta de Notícias, em 06/06/1898). Dos 9 pareos realizados o mais aguardado foi a 5ª etapa chamada de *Campeonato*, no qual, por 1600 metros, as embarcações Alpha, do Club de Gragoatá, e Marina, do club

Icarahy, travaram belíssima disputa, cabendo, ao final, o título de primeira campeã carioca de remo ao Club de Gragoatá. Prudente de Moraes, presidente da República a época, chegou com sua “Exma. Família” durante o 4º pareo a bordo do “hiate Silva Jardim, trazendo a insígnia de chefe de Estado” (Gazeta de Notícias, em 06/06/1898) e todo o status elitista que um evento daquele porte produzia.

Ao final do dia

como não há bem que dure para sempre, acabaram as regatas, e toda aquela gente que horas antes partia para o campo de lucta cheia de alegria, voltava agora triste e merencoria, não porque tivesse havido mortos e feridos, mas porque a festa tinha acabado. (Gazeta de Notícias, em 06/06/1898).

Na mesma edição em que Gazeta descrevia o sucesso da regata também informava que no Jockey Club “a concorrência não foi grande, é certo, mas o movimento da casa da poule (sic) que é o pendulo que regula a felicidade das corridas, foi relativamente grande”. As apostas seriam o elemento que caracterizariam as corridas a cavalo até os dias de hoje, mas não seriam suficientes para competir com o remo, pois com o turfe “o que a multidão via não era a regeneração e o aperfeiçoamento da raça humana, era o palpito, era o azar (...) era a sedução mais empolgante do mais diabólico de todos os vícios”.

Assim, o Estado brasileiro Republicano incentivou o remo. Segundo Victor Andrade de Mello,

Nesse processo de desenvolvimento, o ano de 1903 é de grande importância por diversos motivos: a) a Federação Brasileira de Sociedades de Remo, instituição que deu continuidade e aperfeiçoou a atuação da União de Regatas Fluminense, se tornou mais organizada e visível, sendo inclusive reconhecida pela Federação Internacional como representante legítima do remo brasileiro; b) começaram a ser desenvolvidas iniciativas de preservação da memória do remo, no sentido de celebrar o “glorioso passado” desse esporte no Brasil; c) são identificáveis iniciativas diversas de vulgarização do esporte, como colunas em jornais e revistas e a criação de periódicos específicos; d) percebe-se um acirramento da utilização do esporte como forma de propaganda por empresas da época, o que causava muitas polêmicas, afinal as instituições de remo constantemente reforçavam sua opção pelo amadorismo; e e) identifica-se o início de uma relação mais próxima com as estruturas governamentais. (MELLO, 2006, p.10).

As reformas de Pereira Passos encontraram um grande apoio ideológico no remo, que se tornou o principal esporte carioca no início do século XX. Não obstante, outra forma de lazer também se desenvolvia nesse período e anos depois tornar-se-ia o favorito dos *sportsmen* e dos homens pobres no Rio de Janeiro e do restante do Brasil: o futebol.

## Múltiplas interpretações sobre o futebol

O futebol era considerado uma maneira moderna de praticar educação física, pois esse esporte era o que melhor ajudava na robustez do corpo, embora seu excesso pudesse prejudicar o desempenho dos trabalhadores, conforme ocorria na Inglaterra em alguns relatos trazidos pelos jornais brasileiros da época.

O futebol, enquanto esporte originado em terras britânicas, era para os brasileiros da década de 1890 uma prática nova e desconhecida. Muito do que se sabia desse jogo era obtido por meio das notícias publicadas nos principais jornais da época. Assim, a visão daqueles que já houvessem o praticado ou visto como se fazia era muito importante, superando, em demasia, a opinião dos indivíduos que tinham contato com esse desporto tão somente pelas notícias de jornais. Estes, por sua vez, ao mesmo tempo em que davam destaque ao sucesso internacional do Dr. Grade, famoso jogador de Críquete, traziam informações de que a paixão pelo futebol se mostrava tão grande na Inglaterra que um homem “adulto e aparentemente no bom e pleno uso de suas faculdades” (Gazeta de Notícias, em 04/11/1895) mentais se suicidou por não ter assistido a um importante *match*. Tanto este jogo, quanto o críquete, atraíam, inclusive, muitos operários ingleses para a casa de jogos de apostas.

Assim como nos primórdios do futebol na Inglaterra, para alguns indivíduos o início do futebol no Rio de Janeiro também esteve ligado a violência (posição de homens como Lima Barreto), ao mesmo tempo em que era visto por outros como um importante veículo para a prática dos exercícios físicos e, conseqüentemente, para o desenvolvimento da nação (posição de homens como Coelho Neto e Afrânio Peixoto).

Não obstante a essa variedade concepções, o futebol foi introduzido nas terras cariocas. É sabido que desde a década de 1880 alguns colégios confessionais e laicos da Capital Federal já praticavam esse jogo, bem como há registros de uma partida de futebol disputada por marinheiros ingleses na presença da princesa Isabel no mesmo período.

### A bola começa a rolar

A primeira partida de futebol que se tem registro no Rio de Janeiro foi realizada no dia 22 de setembro de 1901, quando Oscar Cox, juntamente com alguns de seus amigos da Cidade Maravilhosa, enfrentaram em Niterói, no campo do Rio Cricket, um time formado apenas por ingleses. O resultado da partida foi 1 a 1<sup>2</sup>.

Um pouco antes disso, porém, é possível encontrar tentativas de introduzir esse salutar desporto na sociedade carioca. No dia 05 de maio de 1901 teve início, na Praça da República, “a temporada deste ano dos jogos

---

<sup>2</sup> Há também a recente pesquisa de Carlos Molinari que visa estabelecer a origem do futebol brasileiro nos pátios da fábrica Bangu, em 1894, por meio do escocês Thomas Donohoe, seis meses antes de Charles Miller.

gymnasticos dirigidos pelo professor Arthur Higgin” (Gazeta de Notícias, em 12/05/1901).

Durante boa parte do ano de 1901, o Professor Higgins dedicou a manhã de seus domingos a organizar partidas de hóquei e futebol na Praça da República para um grupo de garotos, inclusive seu filho, Jayme Higgins. Em algumas ocasiões contou com a participação de um dos maiores incentivadores do futebol na cidade anos subsequentes, Victor Etchegaray, que viria a ser um dos fundadores do Fluminense Football Club e um dos seus primeiros craques dentro de campo. Higgins organizava partidas entre cerca de 20 garotos, dividindo-os em dois grupos, os azuis e os vermelhos, e fazendo partidas por toda a manhã, desde que o tempo ajudasse. O Jornal do Commercio, um dos maiores jornais do país, divulgava, geralmente às terças feiras, como havia sido a prática esportiva de domingo. A iniciativa do professor Higgins mostra como a cidade estava ligada ao desenvolvimento da prática esportiva, apesar de muitas vezes a sua iniciativa ser frustrada. (SANTOS, 2010, p.15)

As frustrações do nobre professor podem ter sido provocadas, em alguns casos, pelo mau tempo que impedia a realização de seus projetos ou pela falta de adesões em outras oportunidades. O futebol, ainda nessa época, era uma novidade – uma novidade simples de se praticar, se comparada as outras opções existentes na época – ainda muito ligada a colônia britânica estabelecida no Rio de Janeiro. Um dos primeiros clubes a praticar o futebol no Rio de Janeiro foi o Rio Cricket and Athletic Assotiation, de Niterói (fundado em 15 de agosto de 1872 com o nome de Rio Cricket Club, só em 15 de agosto de 1897 teve esse denominação), cujos associados eram predominantemente ingleses

A ligação deste clube com o futebol é visível em vários momentos, como em meados de 1902, quando uma festa foi organizada pela colônia britânica existente no Rio de Janeiro para a comemoração da coroação do Rei Eduardo VII. O evento ocorreu nos terrenos do Rio Cricket and Athletic Assotiation, em Icaraí. Dentre as muitas atividades previstas para o dia estava a realização de uma partida de futebol (*Football Match*), no qual o time dos brasileiros foi capitaneado por Oscar Cox e o dos ingleses por A. R. L. Wright (Jornal do Brasil, em 22 de junho de 1902).

Nesse ano, aliás, o esporte bretão parece estar mais ao gosto da população carioca, uma vez que sua prática não se limitava ao puro e simples exercício dentro dos clubes existentes.

“Queixam-se os moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, à tarde e pela manhã, cheia de afficcionados do jogo denominado football e o jogam de modo que chegam a quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel dos Estrangeiros” (Jornal do Brasil, em 04/09/1902).

A reclamação não demonstra ser de um fato isolado, mas sim de um situação frequente nas ruas cariocas. O jogo com bola estava sendo inserido no gosto popular e era praticado fora dos clubes esportivos que haviam até

então, pois era simples: necessitava de uma bola, que podia ser improvisada com um objeto redondo, assim como os demais instrumentos usados para a prática do esporte, dentre os quais se destacam os calçados e as balizas.

Foi em 1902 também que ocorreu a fundação do primeiro clube voltado para a prática do futebol: The Rio Foot-Ball Club. Poucos dias depois, mais precisamente em 21 de julho de 1902, foi fundado por Oscar Cox o Fluminense Football Club, que logo se tornou o principal time da Capital Federal. Esses dados servem para mostrar que a prática do jogo de bola estava sendo abraçada por indivíduos que iam além aos da colônia inglesa.

Um dos motivos para isso pode ser o fato de as primeiras partidas de futebol se diferenciarem das dos principais esportes da época pela gratuidade. Nos primórdios do futebol carioca era comum ocorrerem partidas com entrada franca, como a que aconteceu no campo Payssandu Cricket-Club, em Botafogo, entre o Rio Foot-Ball Club e o Nictheroy (Rio Cricket). Este “salutar Sport, que também entre nos tem tomado bastante incremento” (Jornal do Brasil, 19/04/1903), diferentemente do que faziam o remo e o turfe, ainda não vendia ingressos para as suas partidas. Em 1902, isso, certamente, foi mais um fator favorável para que pudesse se popularizar. Obviamente que a gratuidade não se estendia a todos os jogos, pois em algumas pejejas havia outros aspectos em disputa.

O comércio também não pôde se manter alheio ao incremento deste salutar esporte. Ainda que para as classes de baixo poder aquisitivo o futebol tenha como vantagem o fato de não exigir muitos equipamentos esportivos como outras atividades, já que quase tudo poderia ser improvisado, para os membros da alta sociedade a aquisição de materiais esportivos era, além de uma possibilidade, um símbolo de status. Por isso, a Casa Clark, já realizava anúncios em 1903 de “artigos ingleses, calçados, bolas, caneleiras, bombas” (Correio da Manhã, em 20/03/1903) e de um livro contendo as regras do futebol. O interesse pelo esporte despertara o espírito empreendedor dos comerciantes. O crescimento dos clubes esportivos dava respaldo para esse tipo de investimento, já que para os *sportmen*,

a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas. (PEREIRA, 2000, p.39)

Afinal de contas, o público consumidor desses produtos ia além das associações esportivas. As categorias profissionais também viam no futebol uma oportunidade de suas associações mostrarem força. Um amistoso entre o time dos bancários e o time do comércio foi realizado entre as duas sociedades destas categorias profissionais (Jornal do Brasil, 17/10/1903), mostrando que o espírito associativo ia além do desejo de apenas estimular uma prática esportiva, mas, com o crescimento do futebol, não pode deixar o bonde passar, isto é, também precisou atender ao interesse de seus associados e promover eventos deste tipo.

De certa forma, sejam quais forem às condições dessas associações, elas procuravam dar aos seus associados segurança e sensações nem sempre perceptíveis enquanto cidadãos. O futebol, ainda que inicialmente fosse apresentado como objeto exclusivo da elite carioca, também estava acessível a outras classes sociais de acordo com as suas possibilidades. Nem todos os trabalhadores, por exemplo, poderiam gozar das mesmas condições que os indivíduos mais abastados dispunham para os seus jogos. Contudo, em algumas oportunidades, isso foi possível.

Quando alguns funcionários “da fábrica de tecidos do Bangu acabam de organizar, sob o título acima [Bangu Athletic Club], uma associação sportiva, onde serão explorados os jogos de football, cricket e lawn tennis” (Jornal do Brasil, em 23/04/1904), esses mesmos operários realizaram uma festa belíssima de inauguração, a qual compareceu mais de 140 sócios. Ainda que a decisão por essa fundação esteja atrelada aos hábitos dos funcionários britânicos do estabelecimento que, há quase uma década (é possível que, desde 1894, já houvesse jogos de futebol naquela área da Zona Oeste) praticam futebol e cricket, atraindo para si grande público, como podemos perceber com o “grande numero de socios e pessoas gradas que iam assistir aos mathes” (Jornal do Brasil, em 30/04/1904) e que não pertenciam, necessariamente, à colônia inglesa. O time formado não contava apenas com britânicos, mas tinha em sua composição brasileiros negros (como Francisco Carregal) e brancos.

O futebol já era em 1904 uma realidade incontestável nos domingos cariocas. Ao mesmo tempo em que clubes especificamente voltados para a sua prática eram fundados, outras agremiações já existentes começavam a incluí-lo como uma das atrações nos seus eventos. Esse foi o caso, por exemplo, do Clube de Regatas Vasco da Gama, que incluía o futebol em suas práticas festivas, juntamente com o atletismo e o tiro ao alvo. O principal clube de regatas da colônia portuguesa tem em seus quadros adeptos de outros esportes e, ainda que não seja sua prioridade, tende a estimulá-los em datas festivas, como na homenagem ao presidente honorário Sr. Alberto de Carvalho e Silva, que estava de partida para a Europa (Jornal do Brasil, 07/01/1904).

O Fluminense F.C., por sua vez, procurava adotar medidas semelhantes às observadas nos clubes de remo. A agremiação, por intermédio do seu presidente Frank Walter (que seria tetracampeão como goleiro nos anos 1906, 1907, 1908 e 1910) decidiu realizar um *match* em benefício das vítimas da seca do norte. Eventos desse tipo eram comuns no remo, como no caso já citado neste trabalho do naufrágio de Solimões, e o futebol, a exemplo do maior esporte da época, praticava essas ações por meio do principal time na cidade do Rio de Janeiro. Essa diversidade de interpretações sobre o futebol não nega a força que o esporte estava ganhando no Rio de Janeiro.

### **Da diversão para a competição**

Entretanto, todo esse progresso ainda estava aquém do que se podia observar na principal cidade brasileira no início do século XX (do ponto de vista econômico): São Paulo. Na capital paulista, já havia sido “assignada a lei

municipal que autoriza a regulamentação do jogo do football” (Jornal do Brasil, 07/01/1904). Essa aprovação se dá 2 anos após ter início aquele que seria o seu campeonato estadual, fazendo com que a institucionalização do jogo dê aos seus praticantes uma maior segurança jurídica. Não obstante, não era só no aspecto legal que a comparação com São Paulo incomodava a elite carioca; era muito mais a organização do esporte em si que preocupava.

O desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro era inegável em 1905, haja vista a fundação de vários clubes pela cidade e até em outras partes do Estado. Cada vez mais “tudo o que fosse redondo” era usado pelos jovens de classes baixas para praticar o desporto, assim como os novos burgueses se divertiam com o esporte bretão dentro de seus clubes. As agremiações, por sua vez, iam ganhando identidade com os bairros nos quais estavam inseridos ou com algum outro ponto que pudesse ser percebido em comum por seus sócios. Consequentemente, a rivalidade, a sadia disputa, já tão comum contra os paulistas e entre os paulistas, também chegaria à Capital Federal.

Inicialmente, a vitória era o elemento de maior valor em uma peleja (os “hip-hip-uh!” eram os melhores retornos que os footballers podiam querer receber), mas posteriormente esse êxito passou a necessitar de uma representação material. É aí que uma prática comum nas premiações militares, no turfe e no remo ganhou vida no futebol carioca: as medalhas. O Vasco, por exemplo, as concedia a indivíduos de destaque como aos pescadores José Moreno e Antonio Silveira, pelo arrojado “cometimento que emprehenderam, para salvar, com abnegado esforço, os novos associados que, graças a este ato de heroísmo, sobreviveram ao naufrágio da baleeira vascaína” (Correio da Manhã, em 22/06/1902) – o próprio presidente da República Campos Salles compareceu a essa sessão solene que fora realizada no salão nobre da benemérita Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro.

Pensando nisso e em se valorizar, o Club de Regatas Boqueirão organizou “matches sensacionais e interessantes” (Jornal do Brasil, em 09/02/1905) contra o Foot-Ball and Athletic Club (seus 1º e 2º times) e estabeleceu como prêmio uma artística e custosa estatueta de bronze. A competitividade crescia, mas ainda estava distante do nível alcançado em São Paulo, que a época já possuía um campeonato.

Esse, aliás, era o ponto que mais incomodava os *sportsmen*. A falta de organização no futebol carioca contrastava como o futebol paulista e com o próprio remo carioca. Em um artigo do jornal Correio da Manhã de 29 de março de 1905, a culpa disso é atribuída aos “próprios foot-ballers, que tem deixado seu bello sport dormir na impopularidade”. O jornal exorta os clubes a formarem uma união, tal qual ocorrera no remo e se notava em São Paulo, de modo que “o football fluminense ia collocar-se ao lado do paulista.” (Correio da Manhã, em 29/03/1905).

Em 18 de maio de 1905, o Jornal do Brasil anunciou que “muito em breve vae ser fundada, a exemplo de S. Paulo, a liga das sociedades de football desta capital, ramo este de sport que este anno, principalmente, tem tido extraordinário incremento”. A reunião inicial ocorreu em 21 de maio de 1905, entre as delegações do Fluminense, Foot-Ball and Athletic Club, Rio Cricket,

Payssandu, Botafogo, Sport Club de Petropolis, Colegio Militar Foot-ball club, Andarahy, Bangu, Petropolitano e América.

“Com a criação da Liga e conseqüentemente confederação das sociedades, será então, pela primeira vez, disputado entre nós o Campeonato do Rio de Janeiro para conquista de uma rica e artística taça que será adquirida para esse fim” (Jornal do Brasil, em 10/07/1905). Esse prognóstico começou a ganhar contornos oficiais, em 08 de julho de 1905 (sábado) quando, na sede do Fluminense, foi “finalmente, fundada a Liga de Football no Rio de Janeiro, a grande aspiração dos foot-ballers cariocas” (Jornal do Brasil, em 10/07/1905).

A organização de um campeonato nos moldes que seria realizado no ano seguinte (1906) é mais do que a realização do simples desejo de um grupo de indivíduos da alta sociedade carioca; ela é o reflexo de um processo silencioso, mas perceptível, pelo qual o futebol estava se consolidando na Capital Federal. Essa consolidação, por sua vez, incluía indivíduos de várias classes sociais e de diversas idades. No que tange a esse quesito, por exemplo, tem-se a criação de clubes voltados para o desenvolvimento do futebol na juventude carioca: “Carioca Football Club é o nome de uma sociedade infantil, há pouco fundada e que proporcionara a educação physica por meio do foot-ball. Essa sociedade, que é exclusivamente constituída de meninos até 11 annos (...)” (Jornal do Brasil, em 20/06/1905), visava desenvolver entre a mocidade o esporte que mais crescia na época. Dessa ideia também partilhavam clubes como Guanabara Foot-ball Club e o Humayta Foot-ball Club. Curiosamente, São Paulo, por sua vez, já dispunha de uma Liga Infantil de Foot-Ball e que, em 1905, organizaria o primeiro campeonato.

### **A bola exclui os excluídos?**

De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos para serem praticados, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial.

No alvorecer do século XX, a estética urbana do Rio de Janeiro encontrava-se em transformação, o que ia além das reformas urbanas protagonizadas pelo prefeito Francisco Pereira Passos. Muitos hábitos dos moradores da até então Capital Federal estavam se modificando, como, por exemplo, o apreço pelos exercícios físicos. Importante destacar que o prazer do desporto ainda não era consenso entre aqueles indivíduos, pois muito mais do que praticá-los, aos domingos era comum, enquanto evento social, assistir a regatas, corridas de cavalo e *matches* de *football* no *ground* da Rua Guanabara. Contudo, enquanto os dois primeiros eram de prática exclusiva dos indivíduos com maior poder aquisitivo, este último permitia com mais facilidade que as pessoas comuns o jogassem. Isso é importante para podermos entender o sucesso inicial que o esporte bretão teve nas camadas

médias e baixas da população carioca, contrastando com o início dos demais esportes cariocas.

A modernização nos meios de transporte urbanos do Rio de Janeiro colocou em segundo plano o transporte a cavalo e privilegiou o deslocamento elétrico (bonde) e a motor (carro). No esporte, a passividade do homem montado a cavalo foi substituída pela prevalência de sua força e habilidade no remo, no pedal e no futebol. Assim, podemos dizer que ao alvorecer do século XX o domingo carioca é

um dia sportivo em que tudo muda, o aspecto das ruas, o aspecto dos transeuntes (...) Desde manhã as classes laboriosas em descanso. O descanso é passear, de fato novo, de manhã até a noite. Havia corridas de cavallos, pelota basca, bicyclismo, football, exposição de pássaros, matines theatraes, o diabo” (Gazeta de Notícias, em 24/07/1905).

A vantagem do futebol para os outros esportes da época estava além do simples prazer proporcionado pelo jogo. Como um dos muitos divertimentos de lazer, os trabalhadores tenderiam a abraçar aquelas em que melhor pudessem equilibrar o gozo e bolso, isto é, buscariam um passatempo divertido e acessível financeiramente. O turfe exigia o cavalo; o remo era também privativo da alta mocidade carioca, a única “que poderia organizar clubs voltados à prática desses exercícios, adquirir embarcações e praticar a canoagem” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891). Mas o futebol, quando exigia a bola, esta custava em torno de “cinco, seis mil réis cada uma” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905) e, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar “a tal porqueira com tudo quanto apanham que é redondo” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905), inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em praticar o esporte inglês. O futebol era acessível a esses trabalhadores que, como os ingleses faziam na sua terra natal, tomavam gosto pelo jogo.

Clubes esportivos também começaram a surgir no início do século XX nas regiões dos trabalhadores. Já falamos sobre o encontro entre os times dos bancários contra o time dos comércios, demonstrando que essas classes laborais também se uniam para jogar o futebol. Nos subúrbios, região em que “os malfeitores de toda casta que neste último tempo tem infestado” (Gazeta de Notícias, em 14/12/1905), era possível assistir a partidas de futebol como a que ocorreu em 14 de novembro de 1905, entre o Club Athletico do Meyer e o Joung’s Football Club, a qual, segundo o Gazeta de Notícias, “correu animada, mostrando ambos os competidores o perfeito conhecimento do jogo” (Gazeta de Notícias, em 15/11/1905). Assim como no centro da Capital Federal, nos seus arredores também havia gente praticando o futebol e fundando clubes para isso. Diferentes econômica, social e culturalmente, as pessoas da zona sul e dos subúrbios tinham naquele esporte um ponto em comum, mas que estava longe de aproximá-los.

## As Ligas Alternativas

Em 21 de março de 1907, o jornal O Paiz forneceu à sociedade carioca a seguinte notícia: “A digna directoria do Mangueira F. B. vai officiar às sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos, convidando-os para uma reunião em que se tratará da fundação da Liga Suburbana de Football”. A Liga Suburbana, com estatutos e condições próprios, foi criada, dentre outros motivos, para dar vazão aos diversos times que não tinham condições de disputar o torneio da Liga Metropolitana de Sports Athleticos.

Foi com a fundação da Liga Suburbana que o Riachuelo e outros clubes afastados do centro da cidade puderam desfrutar de um campeonato.

Adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra coisa.

Domingo ultimo [24/03/1907] foram disputados vários matches. No campo do Cascadura (...) [e] No campo do Sport Club Mangueira. (Gazeta de Notícias, em 28/03/1907).

O crescimento do futebol era visível também no subúrbio e, portanto, era só questão de tempo até que um Campeonato pudesse engrandecer a prática deste nobre esporte em regiões não tão estimadamente consideradas. Assim,

Sob o título de Liga Suburbana de Football, quatro clubs se confederaram para este anno disputar um campeonato regional sob seus auspícios.

Fazem parte da referida Liga o Riachuelo F.C., Nacional F.C., Sampaio F.C. e Mangueira F.C. (Jornal do Brasil, em 15/04/1907).

O Campeonato, que oferecia prêmios para os 1º e 2º times, estava previsto para começar em 05 de maio de 1907 e, sob a presidência do sr. Augusto José Teixeira, foi criada uma comissão para a elaboração da lei orgânica da confederação das sociedades suburbanas nos mesmos moldes do que ocorria com a LMSA. A atitude dessa comissão, que contava como vice-presidente da Liga, Arnaldo Joppert, e como tesoureiro Luiz Maia, “causou bela impressão nos subúrbios, porque o football so terá a lucrar com a ideia em boa hora lembrada e posta em prática pelas ditas sociedades” (Gazeta de Notícias, em 30/09/1907).

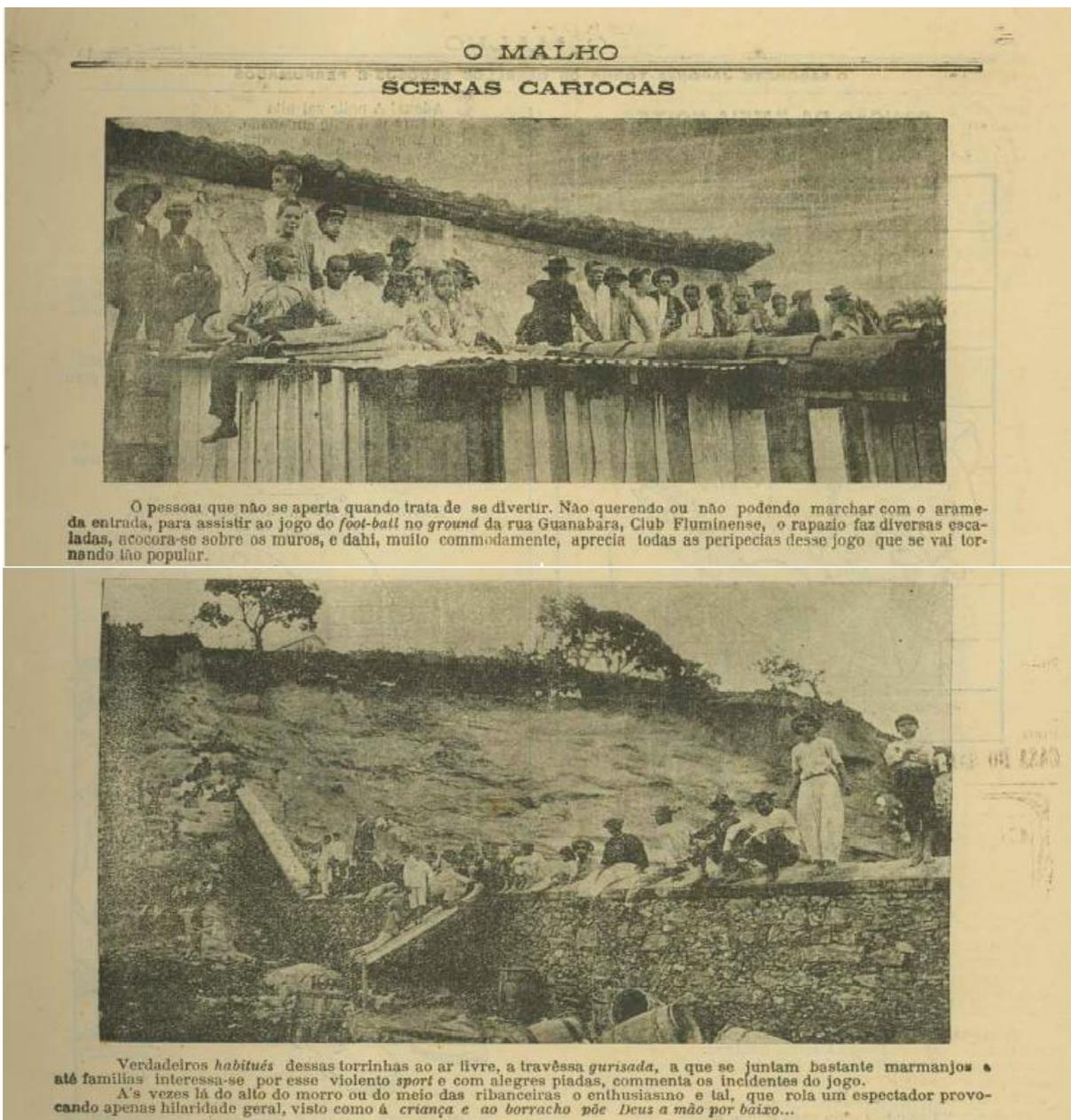
Participaram da 1ª edição do torneio, além do Riachuelo, como já dito anteriormente e que seria o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Spot Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois se retirou por falta de jogadores (Jornal do Brasil, em 17/06/1907). Aliás, houve dificuldade também pela Liga Suburbana para sacramentar os

participantes de seu torneio inaugural. Além dos já citados participantes, outros clubes suburbanos também tiveram o desejo de aderir a Liga (Gazeta de Notícias, em 13/04/1907). O Athletic Mangueira Club, por exemplo, foi fundado em 1907 e se acreditava fielmente que seria um dos participantes da Liga Suburbana, mas não jogou; bem como o Esperança Athletic Club, que chegou a realizar jogos entre seus associados para decidir o time que disputaria a Liga Suburbana, a qual logo se filiaria, pois, segundo o Gazeta de Notícias, o Sr. Augusto Teixeira, presidente da Liga, facilitaria este desejo, mas, quando o torneio começou, também esteve ausente. Neste cenário também pode ser incluído o caso do Oriental Athletic Club - depois chamado de Centro Sportivo do Engenho Velho - que, apesar de ter incorporado alguns jogadores “de dous club de foot-ball que inexperadamente se haviam extinguido: do antigo Latino Americano que jogou na Segunda Divisão da Liga Metropolitana e do valoroso team do Collegio Paula Freitas” (Jornal do Brasil, em 23/07/1907), não agraciou a Liga Suburbana com a sua presença.

Ainda nesta “Liga Alternativa”, a participação de todos os clubes populares não estava garantida. Esperava-se o cumprimento de alguns requisitos mínimos para tanto, bem como também ocorria na Liga Metropolitana de Sports Athleticos. Se nesta competição existiam barreiras práticas como o desprestígio atribuído a 2ª divisão, que sequer proporcionava um troféu ao seu vencedor, a exigência de aluguéis de campos com o mínimo de condições para um bom jogo, bem como o deslocamento aos estádios dos adversários, eram obstáculos semelhantes que podiam ser encontrados na Liga Suburbana, a qual trazia em sua própria denominação um aspecto mais popular.

A Liga Suburbana foi montada pelos moradores dos subúrbios em moldes parecidos com o que foi criado o torneio da região central e, ainda que lá recebesse muitos dos clubes que não encontravam espaços no restrito cenário da LMSA, como era o caso do Riachuelo, ainda assim não foi possível a todos os interessados participarem, como ocorreu com o Sampaio que, depois de estar na disputa, teve que abandonar a competição por falta de time. O caso do Sampaio não pode ser pensado apenas do ponto de vista quantitativo, já que aquela altura no Rio de Janeiro seria possível encontrar homens em número suficiente para a montagem de uma equipe, mas este caso tem que ser visto sob o prisma da qualidade técnica destes jogadores.

A própria procura para assistir aos jogos do Fluminense, como mostrado nas imagens abaixo da Revista O Malho, de 28/10/1905, destaca isso: o Fluminense, como principal e melhor time de futebol do Rio de Janeiro, atraía para suas exibições indivíduos que iam além do público elitista que tradicionalmente ocupavam os lugares nas arquibancadas de seu *ground*. Para apreciar um jogo de boa qualidade técnica, os homens e as crianças mostrados na foto, “não querendo ou não podendo marchar com a aramada entrada, para assistir ao jogo de foot-ball no ground da rua Guanabara” (O Malho, em 28/10/1905), se utilizam de diversos métodos para “aprecia todas as peripecias desse jogo que vai se tornando tão popular” (O Malho, em 28/10/1905). Afinal, há menos de três anos, os jogos do mesmo Fluminense eram gratuitos.



Fonte: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905>

Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

Apesar de alguns contratempos a Liga Suburbana foi realizada, o Riachuelo se impôs perante os adversários e, com apenas uma derrota em todo o torneio, foi o vencedor da competição, tanto com o 1º quanto com o 2º time.

As formas alternativas do futebol competitivamente organizado no Rio de Janeiro não se limitaram à Liga Suburbana, afinal de contas havia “cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra” (O Paiz, em 15/03/1907). Esse foi o caso de dois clubes que saíram da LMSA buscaram liderar a formação de novos campeonatos: o Bangu e o Rio

Cricket. O Bangu fundou o que ficou conhecido como Taça Bangu, da qual se sagrou campeão, enquanto que o Rio Cricket deu início a União Sportiva Fluminense.

Não que todas essas associações fossem, de fato, compostas somente de jovens suburbanos e operários. Reproduzindo muitas vezes nos bairros afastados uma lógica semelhante àquela adotada pelos clubes da Liga Metropolitana, elas eram primordialmente constituídas por rapazes com um perfil social próximo daqueles clubes da zona sul – como parecia ser o caso do High-Life Foot-ball Club, do Méier, formado por uma “fina rapaziada”. Era comum, por isso, a aceitação de alguns de seus sócios pelos clubes mais refinados, sendo de grande cordialidade a relação estabelecida na relação de associações como o Botafogo com outros centros esportivos como o Sport Club Mangueira. Era também frequente, por outro lado, que alguns jogadores de destaque fossem jogar em clubes da Liga Suburbana – como era o caso de Haroldo Cox, um “ilustre foot-baller” que passava em 1907 a atuar pelo Nacional. Não se tratava assim, naquele ano, de uma completa difusão do futebol pela cidade, continuando esse a ser praticado em nível institucional somente por círculos restritos – ainda que não somente segundos os critérios definidos pela Liga Metropolitana.

Ao estabelecer regras mais flexíveis na aceitação de seus sócios, essas novas entidades iniciavam, porém, um processo que abria a outros grupos a possibilidade de participação no jogo. (Pereira, 2000, p.70)

## **Conclusão**

Se em nível institucional o futebol esteve restrito à elite por mais tempo, fora dele este jogo difundiu-se entre os indivíduos das mais diversas camadas sociais. Ao contrário de muitos esportes da época, ele possuía características peculiares que permitiram a sua prática dentro do cotidiano das pessoas comuns:

Economicamente: Do ponto de vista econômico, o jogar futebol era perfeitamente viável ao trabalhador. Enquanto o preço para a aquisição de um cavalo para a prática do turfe, ou mesmo de um barco para regatas, era algo fora do seu orçamento, um estafeta ou um empregado do Jardim Botânico tinha condição de adquirir uma bola de futebol. Estima-se que este instrumento estivesse custando em torno de 5 ou 6 mil réis, enquanto os salários dos trabalhadores apresentados estava na casa dos 60 e 75 mil réis, respectivamente. Em síntese, podemos afirmar que aquisição de uma bola, utensílio de média ou longa duração de uso, ocupava uma única vez entre 6% a 8% do orçamento de um trabalhador. O valor pode parecer elevado, contudo é muito menor do que o cobrado para a aquisição de um cavalo, mensurado em aproximadamente 85 mil réis, ou 113% a 140% do salário de um trabalhador.

Geograficamente: Existem diversos documentos do século XIV que fazem referências explícitas a um jogo de bola praticado com os pés na Inglaterra. Em 1314, por exemplo, é possível encontrar uma ordem do rei Eduardo III proibindo a prática do futebol dentro da cidade de Londres, em razão das desordens provocadas; em 1365 o mesmo futebol é apontado pelo soberano como “um desperdício de tempo e uma ameaça à paz, e propunha-se assim canalizar energias do povo para aquilo que consideravam as ocupações mais úteis” (ELIAS e DUNNING, 1985, p.258), como os exercícios nas armas militares. Em 1579, encontra-se um caso em que estudantes de Cambridge estavam na vila de Chesterton para jogar uma partida e foram atacados pelos moradores de lá com bastões. Em 1608, na cidade de Manchester, foi promulgada uma ordem semelhante as encontradas em Londres no século anterior proibindo a prática do futebol em virtude do prejuízo causado e de outros problemas que dali advinham. “A ordem se refere ao elevado número de janelas que quebraram, o modo como ofenderam muitos habitantes e cometeram outras desordens” (ELIAS e DUNNING, 1985, p.262). Não obstante a tais proibições, esse jogo foi durante séculos o passatempo favorito de muitas pessoas, ainda que provocasse ossos quebrados e narizes ensanguentados que o fizeram ser considerado um comportamento antissocial.

Com um caráter menos violento, mas igualmente no espaço urbano, o futebol também se desenvolveu entre os séculos XIX e XX no Rio de Janeiro. Se na Inglaterra do período pré-industrial este jogo já era uma preocupação constante para as autoridades locais, na Capital Federal o mesmo se daria nos anos 1900. Os ajuntamentos de indivíduos nas ruas já era um fato bastante criticado pela sociedade da época, conforme podemos ver nos relatos de Queixas do Povo, do Jornal do Brasil, entre 1891 a 1907, assim, a organização de partidas nestes espaços encontra-se inserida em um cenário culturalmente negativo, pois a cultura de lazer popular não é aceita pela “oficial” a qual lhe impõe barreiras.

Contudo, o destaque dado por Elias e Dunning em relação à preocupação do governo londrino no século XVII com as janelas quebradas na cidade, também se mostra presente no Rio de Janeiro do século XX. É aqui que, em Queixas do Povo, moradores da Rua Barão do Flamengo chamam a atenção das autoridades para um problema semelhante:

“Queixam-se os moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, à tarde e pela manhã, cheia de afficionados do jogo denominado football e o jogam de modo que chegam a quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel dos Estrangeiros” (Jornal do Brasil, em 04/09/1902).

Repare que a queixa dos moradores se dá pela constante presença de praticantes do futebol de rua naquele espaço, o que prova que em algumas localidades do Rio de Janeiro, já em 1902, era corriqueira a prática deste esporte fora dos espaços oficiais. Do ponto de vista geográfico, o futebol, ao contrário do turfe e do remo, não ficou limitado às áreas especificamente

criadas para si. Ele transcendeu às quatro linhas dos *grounds*, bem como a elite que tentou monopolizá-lo.

**Instrumental:** O fato de o futebol poder ser feito de improviso, isto é, sem necessariamente a utilização de uma bola oficial, traves, chuteiras e o seguimentos das regras estabelecidas na Inglaterra, foi um elemento que o diferenciou das outras práticas esportivas da época.

Os instrumentos listados acima eram comuns nos jogos da elite, categoria social a qual “o esporte sempre esteve bastante ligado” (MELLO, 2000, p.14). Leonardo Pereira é categórico ao afirmar que “a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames” (PEREIRA, 2000, p.39), contudo, essa exclusão não foi capaz de impedir que as camadas populares (indivíduos de baixa condição social, que poderiam estar empregados ou não) também participassem, em seus espaços e de acordo com as suas condições socioeconômicas, desse processo.

**Higiênico:**

Nos últimos 25 anos do século XIX já é provável identificar reflexos dessas mudanças nos banhos de mar, que passam também a ser encarados como exercícios físicos para melhoria do padrão estético corpóreo, o que se articula plenamente com um outro parâmetro de saúde. (MELLO, 2000, p.49).

Em síntese, o que Mello aponta é a mudança na percepção dos tratamentos das doenças, para a qual a cura também podia estar nos exercícios físicos.

Desta forma, o caráter higiênico da prática de exercícios físicos chegou às camadas populares. Assim como aquelas pessoas observaram indivíduos da elite montados em seus cavalos, remando, nadando e até mesmo jogando futebol há algum tempo, eles também tinham, a seu modo, o conhecimento de que tais práticas eram saudáveis.

**Coletivo:** Até o século XIX, as práticas de lazer no Brasil colonial estavam atreladas às atividades feitas dentro do próprio lar desses indivíduos. Muito se deve a própria organização das áreas urbanas e rurais, onde as casas eram distantes umas das outras e não havia uma estrutura de integração como se verifica a partir de 1800.

No âmbito cultural, processo semelhante também aconteceu com os indivíduos que habitavam o Brasil. Conforme pesquisa feita por Mary Del Priori, a passagem do Brasil Colônia para o Brasil Independente também demarcou uma mudança nos comportamentos individuais, os quais, com a proximidade do século XIX, deixaram de ver o lazer como uma atividade reclusa ao lar e passaram a gozá-lo em ambientes públicos, isto é, coletivos, nos quais poderiam ter contatos com outros indivíduos.

Enquanto a elite imperial e republicana encontraria sua diversão nos teatros, corridas de cavalo e regatas, as camadas populares não se mostrariam por completo excluída de representar, em seus espaços, práticas semelhantes. Era comum a presença do “povo” às provas de turfe (havendo, inclusive, a existência por certo tempo de um prado mais popular) e às regatas, assim

como existiram pelo Rio de Janeiro clubes e bares em que a população comum podia se divertir.

Enquanto no turfe e no remo era difícil a reprodução de sua prática em ambientes com menores recursos financeiros, dada à dificuldade e a obrigatoriedade de aquisição de seus instrumentos, como futebol esse problema não aconteceu. Para jogar o esporte bretão tudo poderia ser improvisado e, mesmo quando se desejasse adquirir os instrumentos autênticos, a bola, o principal deles, se mostrava economicamente acessível ao trabalhador comum.

Além disso, o futebol, por ser uma atividade coletiva, se insere na prática corriqueira de diversão em conjunto praticada por esses homens a partir do século XIX. Eles já se reuniam em bares ou mesmo na rua para jogar dados e cartas, porém, com o tempo, passaram a se encontrar também para jogar futebol.

Temporal: O tempo despendido em uma prática de lazer é, sem dúvidas, um critério importante para a sua escolha, sobretudo em um período histórico cujas jornadas de trabalho estavam longe de ser 8h diárias para os membros das camadas populares. Para a elite, no entanto, havia mais elasticidade temporal para essa escolha.

No plano institucional, não há dúvidas nenhuma de que o fato de as camadas populares terem pouco tempo livre para as práticas esportivas foi um dos motivos do caráter passivo, isto é, de apenas comporem o público que assistia às corridas de turfe e regatas. Além disso, havia as barreiras econômicas, instrumentais e geográficas. Curiosamente, o mesmo se dava no cotidiano desses indivíduos, já que o tempo necessário para organizar uma simples corrida de cavalos ou de barcos era enorme para aqueles que não trabalhassem diretamente como isso.

Nesse aspecto, porém, o futebol foi diferente. Não era preciso organizar um espaço específico (como no caso do turfe) e nem ir a um determinado lugar (como ao mar, no caso de se querer praticar remo) para jogar futebol. As ruas e terrenos baldios eram locais mais do que ideais para se exercitar por meio desse jogo.

Em São Paulo, por exemplo, acredita-se que a primeira partida disputada por Charles Miller no Brasil foi na Várzea do Carmo, em 1895. No Rio de Janeiro, em 1901, era comum aos domingos o professor Higgins levar alguns jovens da elite carioca para disputar uns “matches de football”, assim como quatro anos depois o Jornal do Brasil já trazia queixas em relações a problemas causados pela prática do futebol em centros urbanos, como as vidraças quebradas no Hotel dos Estrangeiros.

No plano institucional, a existência de clubes populares cresce, por exemplo, à medida que a jornada de trabalho para algumas categorias também é reduzida.

Deixando de ser monopólio de poucos, o futebol transformava-se num jogo praticado por diversos perfis sociais. Mesmo os jogos da liga já atraíam para os arredores dos estádios um significativo “pessoal do além-muro”, para desgostos dos sportmen que reclamavam de sua “maneira de aplaudir”.

Embora não fosse ainda um fenômeno de massas, sendo praticado por pequenos grupos entre as diversas camadas sociais que mostravam seu interesse pelo jogo, o futebol já mostrava então ser capaz de interessar círculos muito mais amplos do que aqueles que se uniam em torno dos clubes elegantes da zona sul - o que fazia com que os jornais, em busca de temas que pudessem atrair um maior número de leitores, passassem a noticiar em suas páginas as atividades dessas novas associações. (PEREIRA, 2000, p.72)

O reflexo disso é evidente na União Operária do Engenho de Dentro que só demonstra a consolidação de inserção do futebol em seu ambiente cultural na transição dos anos 1906 para 1907 com a fundação do Atlético F.C. e do Fábrica F.C., momento que algumas questões laborais, como a jornada de trabalho de 8 horas por dia, já se encontrava resolvida para boa parte dos seus associados.

Para os trabalhadores da Estrada de Ferro Central do Brasil, a jornada de trabalho das seis da manhã até às quatro e meia da tarde era ruim (Correio da Manhã, 17/12/1903). Dez horas por dia entregue a um trabalho repetitivo e pouco estimulante foi algo que os associados da União Operária do Engenho de Dentro se queixaram bastante; uma reclamação, aliás, muito semelhante a dos alfaiates e, certamente, de várias outras categorias profissionais. A saída buscada pela entidade para atender aos anseios de seus signatários não foi a de entrar em choque contra o governo republicano. A União Operária buscou o apoio do Dep. Ricardo de Albuquerque que, muito solícito, assumiu uma atitude favorável a esses trabalhadores na Câmara dos Deputados, até porque as justas pretensões da associação faziam parte do “projecto por ele emendado, e que com tanta eloquência defendeu”. (Correio da Manhã, 25/11/1903).

O viés pacífico adotado pela União Operária encontrou respaldo perante os poderes públicos e, no início de 1904, o desejo de trabalhar oito horas por dia foi contemplado pela diretoria da E. de F. Central do Brasil, como prova a comemoração no dia 06 de fevereiro de 1904, que contou, inclusive, com a queima de “muitas gyrandolas de foguetes” (Correio da Manhã, 07/02/1904). Sendo assim, diante dessa conquista, nada mais justo do que enviar um ofício ao Dep. Ricardo d’Albuquerque, agradecendo-lhe o apoio (Correio da Manhã, 09/02/1904). (SOUZA, 2014, p.8-10).

Com a redução da jornada de trabalho, a União Operária passa a proporcionar aos seus associados cada vez mais atividade que não estavam diretamente ligadas à vida laboral. São quermesses e bailes ocorridos em sua sede que dão vida a região suburbana de Engenho de Dentro, proporcionando divertimentos aos seus associados e aos moradores daquela área, contando, até mesmo, com a assistência do Grupo Nacional Progresso do Engenho de

Dentro (Jornal do Brasil, em 13 de setembro de 1906). Era comum, inclusive, que os eventos fossem gratuitos, salvo quando a finalidade era beneficente (Jornal do Brasil, em 27 de fevereiro de 1907).

Assim, não foi surpresa quando naquela entidade foram fundados os clubes Atlético F.C. e Fábrica F.C., já que

O mesmo acontecia, no período, nas fábricas da cidade, de onde surgiam inúmeros clubes. Só os funcionários da Companhia Progresso Industrial, que já tinham havia tempos o Bangu, fundavam mais três associações: o Brasil Athletic Club, que pede licença de funcionamento ao chefe de polícia em julho de 1906; o Escolar Foot-ball Club, formado em maio de 1907 pelo alunos da escola Rodrigues Alves, pertencente à Companhia; e o Esperança Athletic Club, composto por uma meninada bem disciplinada e bem-educada", que se associaria no mesmo ano à Liga Suburbana. (PEREIRA, 2000, p.72)

Pouco antes do final da primeira década do século XX, o futebol já estava enraizado no ambiente cultural do Rio de Janeiro. O jogo de origem inglesa, monopolizado institucionalmente pela elite carioca, havia se difundido pelos subúrbios e por outras regiões deste estado, sendo parte importante da febre esportiva que dominava o país.

## Referências

- BATALHA, C. H. d. M. "*Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária.*" Cadernos AEL 6(10/11), 1999;
- BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992;
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. Um longo Caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002;
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo: Brasiliense, 1986;
- COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo Unesp, 1998;
- ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1985;
- FAUSTO, Bóris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: DIFEL, 1977;
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucila de Almeida Neves (org). *O Brasil Republicano Volume I: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008;
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;

- HOBSBAWM, Eric J. *Mundos do trabalho*. Tradução de Waldea Barcellos e Sandra Berdan. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000;
- MARZANO, Andrea e MELLO, Victor Andrade de (orgs). *Vida divertida: história do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010;
- MELLO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001;
- MELLO, Victor Andrade de. *Remo, modernidade e Pereira Passos - Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil*. Revista Esporte e Sociedade nº 3, 2006;
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000;
- SANTOS, Henrique Sena dos. *Entre Negros e Brancos: Considerações sobre a formação da cultura futebolística em Salvador, 1901 – 1910*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista de História do Esporte. V.2, Nº1, 2009;
- SANTOS, Henrique Sena dos. *Notas sobre a popularização do futebol em Salvador, 1901 – 1912*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Revista de História do Esporte. V.1, Nº16, 2010/2011;
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2010;
- SANTOS, Leonardo Soares dos. *Os subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista de Humanidades nº 12 (30), 2011;
- SOUZA, Glauco José Costa. *As várias maneiras de lutar: o trabalhismo na União Operária do Engenho de Dentro*. Universidade Estadual do Ceará. Revista Bilros. V.2, Nº2, 2014;
- SEVECENKO, Nicolau. *A capital radiante: técnica, ritmos e ritos do Rio de Janeiro* in *História da Vida Privada no Brasil – Vol.3*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998;
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa Vols. I, II e III*. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987;
- THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## Fontes

Fundação Casa de Rui Barbosa;  
Jornal do Brasil;  
Jornal Gazeta de Notícias;  
Jornal O Paiz.

Recebido em 03 de março de 2015  
Aprovado em 04 agosto de 2015